

Entrevista¹

Antonio Hernández Pérez e Vírginia Ortíz-Repiso Jiménez

Antonio (Tony) Hernández Pérez e Virgínia Ortíz-Repiso Jiménez são professores titulares da Universidade Carlos III de Madrid (Espanha). Atualmente, ocupam, respectivamente, os cargos de diretor do *Doutorado em Documentação: Arquivos e Bibliotecas no Ambiente Digital*, e de diretora do *Departamento de Biblioteconomia e Documentação*, ambos da UC3M.

Tony Hernández é doutor em Ciências da Informação com uma tese sobre Documentação Audiovisual, e possui mais de vinte anos de experiência docente em cursos e disciplinas relacionadas com as tecnologias de informação, especialmente bases de dados, recuperação da informação e temas correlatos. Além disso, colabora há vários anos com projetos financiados pelos Ministérios de Saúde, Trabalho e com empresas, em assuntos relacionados às suas linhas de investigação.

Vírginia Ortíz-Repiso Jiménez é doutora em Filología Hispánica, e atuou profissionalmente como bibliotecaria da Rede de Bibliotecas Públicas da Prefeitura de Madrid, incorporando-se depois à Biblioteca Nacional de Espanha e ao Ateneu Científico, Literario e Artístico de Madrid. Atua na docência de temas relacionados com a gestão de tecnologia em unidades de informação, e com a busca e recuperação de informação em ambientes eletrônicos. Também realizou, em diferentes instituições, cursos especializados nestes temas.

Ambos são membros do grupo de pesquisas TECNODOC (*Tecnologías Aplicadas a la Información y la Documentación*), que investiga as Tecnologias de Informação consolidadas e emergentes, e sua aplicabilidade no desempenho de funções ou na realização de tarefas tradicionais ou inovadoras que possam estar sob a responsabilidade dos profissionais da informação.

¹ Entrevista e tradução: Marco Antônio de Almeida

InCID: A discussão acerca das "fronteiras" ou da "identidade" da Ciência da Informação (CI) ocupa, no caso do Brasil, bastante espaço, tanto no meio acadêmico como no profissional. Como está essa discussão na Espanha, a partir da perspectiva de vocês ?

Tony: Você teria que começar por dizer que na Espanha o nome de "Ciência da Informação" tem sido reservado para o campo do jornalismo (*periodismo*), o que em outros países se denomina "Ciências da Comunicação". Na Espanha, para se referir a esta área de CI, de um modo geral empregamos "Documentação" ou estudos sobre "Informação e Documentação", para distingui-los.

Eu diria que mais que um problema de identidade — como nós nos vemos —, há uma discussão mais aprofundada sobre os problemas de reputação ou de visibilidade (e, por correlação, de invisibilidade) — sobre como os outros nos vêem. A discussão diz respeito às dificuldades de empresas e de administrações públicas em reconhecer os profissionais da área capacitados para trabalhar na área de gestão de conteúdos. Poucos questionam a adequação ou conveniência de que se estude ou pesquise análises infométricas e/ou bibliométricas, as relações estabelecidas pelos *linked data*² ou novas formas e métodos de organizar ou descrever o conhecimento. Creio que na Espanha essas fronteiras são cada vez mais difusas e exigem pessoas com uma formação e uma curiosidade mais multidisciplinar.

Virginia: Creio que a identidade da área de Informação e Documentação seja mais uma questão de conhecimento e aceitação social do próprio grupo profissional, seja este pertencente ao campo de ensino ou da atuação profissional. Somos praticamente desconhecidos e isso é porque nos falta a tradição. Nos países anglo-saxões, com uma cultura bibliotecária de séculos, esta questão quase não se levanta (embora agora a área também não esteja vivendo bons momentos). Na Espanha, o desconhecimento, já endêmico, da sociedade em relação ao que fazemos, impediu e continua a impedir o progresso e a consolidação como área e como uma profissão. Podemos ver, por exemplo, ofertas de emprego que pedem uma posição de gestor de redes sociais (*community manager*), formado em Jornalismo ou Comunicação Audiovisual. Não mencionam Informação e Documentação simplesmente por desconhecer que esta área existe ou do que se ocupa.

² Em Informática, os dados vinculados (*linked data*, em inglês) descrevem um método de publicação de dados estruturados baseado em tecnologias web padrão (como HTTP, RDF ou URI), estendendo sua utilização para compartilhar informação de uma maneira que possa ser lida automaticamente por ordenadores, permitindo que sejam conectados e consultados dados de diferentes fontes.

InCID: As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm causado uma grande revolução nas últimas duas décadas. Como vocês vêem a relação entre essas tecnologias e a área de Ciências da Informação?

Tony: Eu acredito que hoje em dia é difícil entender qualquer área científica, humanista ou socio-econômica sem as tecnologias. Na medicina, são utilizadas para obter imagens do interior do corpo, para controlar as funções ou para sequenciar o DNA. Na economia o acesso imediato à informação é vital, e o jornalismo está passando por uma revolução e disseminação que está tomando uma forma cada vez mais *transmedia* ou *omnimedia*, como alguns gostam de dizer. As TICs transcendem o puramente técnico e estão na raiz das mudanças na forma de acessar, pesquisar, recuperar e consumir a informação. Portanto, elas são absolutamente necessárias para organizar essa enorme massa de informações geradas a cada dia. As TICs nada mais são que as ferramentas que nos permitem continuar a desempenhar um papel tradicional na ciência da informação: selecionar as informações e fornecer aos usuários as que melhor atendam às necessidades de cada um em cada momento.

Virginia: Os perfis tradicionais, em nossa profissão, e em outras que caminham de mãos dadas com a evolução tecnológica, estão sempre se redesenhando. Não é nada novo. Precisamos apenas olhar para trás para lembrar que a palavra constantemente repetida em publicações, conferências e relatórios é "mudança". O papel que representam bibliotecas, arquivos e museus estão sendo constantemente avaliados e redefinidos. Os desenvolvimentos tecnológicos e econômicos são fundamentais: sempre tiveram um grande impacto na nossa área, nós somos companheiros de viagem. O que acontece hoje é que essas modificações se desenvolvem a uma alta velocidade, reduzindo drasticamente o tempo que transcorre entre as ondas tecnológicas.

Os profissionais, em qualquer serviço de informação atual, possuem uma grande oportunidade de redefinirem-se e renovarem-se, já que a inovação digital propicia uma extensão das suas funções. Os conhecimentos que se demandam aos profissionais de hoje estão ligados, por um lado, à gestão, tratamento e valorização da informação digital em todas as suas vertentes: revistas e livros digitais, repositórios digitais (pesquisa científica e objetos educacionais), acesso aberto, ferramentas de busca, servidores web, *linked data* ... e, por outro lado, ao uso de canais de comunicação que prevalecem entre os usuários: a web social, os dispositivos móveis ... Um dos objetivos principais deve ser nos acercarmos mais às formas como os usuários usam a informação e como eles se comunicam. Precisamos estar onde eles estão.

InCID: As denominadas "Humanidades Digitais", assim como as questões relativas aos "big data"³ são duas questões emergentes ligadas às TICs. Como vocês encaram essa discussão, e quais as perspectivas que percebem em relação à Ciência da Informação?

Tony: Nos interessa muito o movimento relacionado às "Humanidades Digitais" porque acreditamos verdadeiramente que todos os processos de transformação da produção, difusão, conservação, acesso e consumo da informação científica e cultural que os novos meios estão introduzindo exigem novos métodos e instrumentos de investigação para entender, a partir do conhecimento, história, língua e os demais processos sociais e culturais que estão ocorrendo em todas as áreas. E isso tem a ver com o acesso aberto, com os direitos de propriedade intelectual, com a criação colaborativa de textos, com a geração de comunidades e redes sociais, com novas possibilidades para a análise do discurso, com a capacidade de reunir dados de forma massiva para interpretar a história e o presente da forma mais multidisciplinar, etc. Em relação aos "big data" estamos um pouco mais distantes. Obviamente, tudo o que tem a ver com a análise se relaciona com o nosso mundo: desde o ensino, aos recursos acessados pelos estudantes, ao grau de sucesso ou fracasso no preenchimento de determinados questionários até ao escrutínio de palavras buscadas em um período específico ou em um determinado tópico ou contexto específico. Ou também estudar como é o uso e navegação dos usuários através da web. Os grandes dados permitem analisar e tentar entender esses comportamentos, mas certamente o uso profundo e intensivo de estatísticas nos obriga a trabalhar com profissionais procedentes da área de matemática ou estatística para extrair e depurar os dados isolados.

Virginia: Nada a acrescentar

³ *Big Data* é o termo em inglês popularizado pelas áreas de Informática, Engenharia e Ciência da Informação, usado para descrever o crescimento, a disponibilidade e o uso exponencial de informações, sejam elas estruturadas ou não estruturadas.

InCID: O grupo de pesquisa do qual vocês fazem parte, TECNODOC, tem uma forte relação com estas questões. Conte-nos um pouco sobre a história e o passado do grupo.

Tony: Este é um grupo de pesquisadores que têm trabalhado juntos desde 1994. Somos um grupo estável de cerca de 8 pessoas, incluindo o professor Thomas Nogales e José Antonio Moreira e as professoras Virginia Ortíz-Repiso e Eva Mendez, entre alguns outros. Todos com formação na área de biblioteconomia e documentação, mas também nos campos da história, do jornalismo e da filologia. Além da amizade de muitos anos trabalhando juntos nos une a nossa paixão pelo ensino e pesquisa e, acima de tudo, a nossa crença de que as tecnologias são um elemento transformador, mas nunca mais importante que as pessoas, que o acesso à cultura, que a organização do conhecimento. Somos apaixonados pelas tecnologias como uma ferramenta para a mudança, de modo que nossos projetos têm muito a ver com a educação à distância, e também temos programas oficiais de estudo em arquivos e bibliotecas digitais, como projetos de digitalização que narram a história da emigração espanhola nos anos 60 ou a história do Real Madrid F.C. E, é claro, projetos relacionados ao acesso e a dados abertos ou com a elaboração e implantação de tesouros, vocabulários ou *linked data*.

InCID: Outra questão discutida no Brasil, são os perfis acadêmicos e profissionais, especialmente os dos bibliotecários. Esta questão tem sido discutida aqui na Espanha?

Tony: A formação e os perfis relacionados são temas recorrentes na área. Um estudo dos profissionais da informação (2011) realizado pela FESABID (Federação Espanhola de Sociedades de Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Museus), revelou que, na opinião de muitos profissionais da informação, a formação universitária específica não é adequada ao que é demandado pelo mercado de trabalho, e a necessidade de que os profissionais tenham uma formação mais híbrida, não estritamente documental. Na minha opinião, a formação ocupará cada vez mais tempo dos profissionais da informação. Evidentemente a faculdade oferece bases sólidas gerais e logo existirão especializações para os gestores de conteúdo, ou para especialistas, catalogadores, gestores de redes sociais ou para preservação de metadados ou o que surgir. E cada vez mais, a formação interdisciplinar será necessária. Pelo menos na Espanha, o perfil acadêmico está orientado apenas para o doutorado e para aqueles que desejam permanecer na pesquisa e no ensino universitário. A discussão centra-se mais sobre se alguém que até agora só catalogava deve ocupar-se de executar funções analíticas da web ou ser um especialista na compra e aquisição de material

eletrônico. Ou se alguém que anteriormente só ocupava-se do OPAC também teria agora que lidar com o repositório institucional ou com o repositório de materiais educativos. Mas, afinal, a nossa área é a de serviços aos usuários. Talvez antes fosse suficiente entregar um livro, agora, talvez, seja necessário ensinar a usar dispositivos, o banco de dados ou o programa específico que ajude um usuário não só aceder à informação, mas também a produzi-la e a divulgá-la.

Virginia: Rapidamente, diria que a profissão está em um momento de expansão de suas fronteiras que é marcado pelo ambiente digital no qual a sociedade se desenvolve. O que é feito ou o que pode ser feito implica novas oportunidades para redefinir-se e alcançar um maior protagonismo nas instituições. Muitos fatores podem ser citados para ajudar a montar um possível quebra-cabeça, mas assinalarei os que são, na minha opinião, mais relevantes e, em parte, já mencionados: curadoria de dados (bibliotecários e profissionais de informação que representam um papel importante para ajudar a comunidade pesquisadora a conceber e implementar planos para descrever os dados, armazenar, gerir e reutilizá-los de forma eficiente); preservação digital; ensino superior, com foco em cursos livres on-line (MOOCs e OCW⁴); tecnologia da informação, com foco principalmente em servir o usuário a qualquer hora, em qualquer lugar; redes sociais; serviços adaptados a dispositivos móveis; livros eletrônicos; *linked data*; ferramentas de investigação que aproximem os nossos recursos à “googlelandia”; gestores de redes sociais; novas formas gestão no mundo digital ... Todos estes aspectos afetam tanto os setores públicos como os privados. E todos eles são abordados (ou deveria ser abordados) *de fato* na formação universitária, para além dos controles oficiais. A profissão está em constante mudança e a formação deve adaptar-se para acompanhar esse ritmo .

⁴ Respectivamente, “Massive Online Open Courses” e “Open Course Ware”. Cursos projetados para plataformas online, concebidos para aprendizados de conteúdos mais genéricos (MOOCS) ou específicos (OCW).

InCID: Finalmente, como voces veem o tema da pesquisa na área? Há questões que se destacam? E as possibilidades de colaboraço internacional - especialmente com o Brasil?

Tony: A pesquisa na área sempre se move pela formaço e pelos interesses de cada investigador. Pessoalmente eu acho que nós vivemos um momento emocionante com temas como *linked data*, ligando informaçoes que agora mesmo nossos depósitos de dados (leia-se OPACs, repositórios ou o que voce quiser), questões como a segurança do documento digital, referindo-se a certeza de que um documento pode ser preservado para garantir que não seja alterado, ou as formas como cada um organiza os milhares de arquivos, fotos, músicas ou textos que agora produzimos com programas ou dispositivos que rapidamente se tornam obsoletos. Ou sobre como os dados abertos pode ajudar a melhorar a transparencia no governo das administraçoes públicas ou como as pessoas criam e consomem informaço mediante análises da web.

A internacionalizaço e uma das palavras-chave em nossa universidade. As tecnologias tem derrubado muitas paredes. O que e produzido digitalmente hoje no Brasil e acessível em um segundo na Espanha ou vice-versa. Na educaço, os MOOCs proporcionam o acesso aos cursos das melhores universidades do mundo. A informaço que se produz, em texto ou audiovisual, e acessível de qualquer lugar mediante blogs, wikis, Facebook, Twitter e outras redes sociais ou mídias. Então, o "glocally", o pensar globalmente e agir localmente, torna-se cada vez mais verdadeiro. Com o Brasil, nos últimos dez anos a colaboraço em nosso campo e constante, com muitos professores viajando para ambos os lados do Atlântico. E, se bem que ainda existam realidades muito diferentes em ambos os países, tâmbem e verdade que enfrentar novos desafios, encarando as alteraçoes introduzidas pelas tecnologias em toda a atividade profissional da área. Agora, a partir da Espanha, olhamos com alguma inveja a aposta pela formaço e investigaço levada a cabo pelos estados brasileiros.

Virginia: Hoje nós nos movemos em um mundo interconectado, um mundo interdisciplinar e multidisciplinar que, sem dúvida, enriquece a pesquisa. Os recursos econômicos escasseiam na maioria dos países, e a colaboraço torna-se mais essencial do que nunca.

Entrevista enviada em: março de 2014.